



Bancos comunitários e economia popular nas periferias urbanas: caminhos de interpretação e de ressignificação

Community banks and popular economy in urban peripheries: paths of interpretation and resignification

Ana Mercedes Sarria Icaza*

Luisa Nunes Farias**

Resumo: O objetivo do texto é compreender, a partir das experiências de economia popular vinculadas ao Banco Comunitário Cascata e integradas principalmente por mulheres, os modos de combinação dos traços de reciprocidade e de organização comunitária e de que forma estes se articulam com a atuação do BCD. São analisados os dados resultantes de uma experiência de pesquisa e extensão universitária consistente em um processo de apoio a negócios populares desenvolvido entre 2019 e 2020, em parceria entre o NEGA/UFRGS e o Banco Cascata. Os resultados apontam a presença de negócios organizados a partir das unidades domésticas e com a presença simultânea de racionalidades e práticas econômicas distintas, que mostram que aquelas não podem ser lidas unicamente como negócios, senão como estratégias alimentadas por distintas lógicas, no mesmo espaço doméstico e familiar, destacando-se o papel das mulheres que estão em ampla maioria à frente destas experiências.

Palavras-chave: Economia popular. Unidades domésticas. Bancos comunitários. Economia solidária.

Abstract: The objective of the text is to understand, from the experiences of popular economy linked to the Cascata Community Bank and mainly integrated by women, the ways of combining traits of reciprocity and community organization and how these are articulated with the performance of the Cascata Bank. Data resulting from a research and university extension experience consistent with a process to support popular businesses developed between 2019 and 2020, in partnership between NEGA/UFRGS and Cascata Bank, are analyzed. The results point to the presence of businesses organized from domestic units and with the simultaneous presence of different rationality and economic practices, which show that they cannot be read solely as businesses, but as strategies

* Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS (Curso de Administração Pública e Social, Escola de Administração). E-mail: sarria.icaza@ufrgs.br

** Bolsista de extensão e acadêmica do Curso de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. E-mail: luisaffnunes@gmail.com



fueled by different logics, in the same domestic space and family, highlighting the role of women who are, in the vast majority, in charge of these experiences.

Keywords: Popular economy. Domestic units. Community banks. Solidarity economy.

Introdução

Os estudos sobre os Bancos Comunitários de Desenvolvimento vêm mostrando sua importância enquanto uma inovação social que contribui para o fortalecimento de circuitos socioeconômicos nos territórios onde atuam, a partir de iniciativas cidadãs que buscam a melhoria da vida das pessoas e das comunidades. Inseridos no universo das práticas da economia solidária, os BCDs atuam fundamentalmente nas periferias urbanas, mobilizando os atores da economia popular e articulando diversas estratégias e recursos.

Um desses Bancos Comunitários é o Banco Cascata, situado na periferia de Porto Alegre, em cuja atuação as mulheres são quase totalidade, tanto do ponto de vista dos integrantes da associação, como das pessoas que participam de suas atividades. É uma constante que se repete em outras experiências de Bancos Comunitários e que aponta ao papel das mulheres na construção dos espaços comunitários, mobilizadas pela busca de lugares onde possam morar com qualidade de vida para elas e seus filhos. Por seu próprio papel nas tarefas de cuidado, são as mulheres as que permanecem nos territórios, realizando diversas atividades de geração de renda, que sejam possíveis de articular com as outras responsabilidades.

É nessa perspectiva que se inserem as reflexões produzidas neste texto, as quais decorrem da análise de uma experiência de capacitação e apoio para um grupo de mulheres, integrantes de negócios populares, desenvolvida entre 2019 e 2020 pelo Núcleo de Estudos em Gestão Alternativa, da UFRGS, em parceria com o Banco Cascata. Como parte do processo de capacitação e apoio, foram realizadas visitas sistemáticas nos domicílios onde funcionam os negócios populares, as quais permitiram adentrar nas dinâmicas das unidades domésticas onde eles funcionam, nas múltiplas dimensões do trabalho das mulheres envolvidas e nas dinâmicas a partir das quais parece forjar-se o circuito econômico popular da vila. São os resultados destas visitas que servem de base para a construção das reflexões aqui apresentadas, as quais são de caráter preliminar e de inteira responsabilidade das autoras.

Tomando como base o debate sobre o significado da economia popular e seu lugar no projeto de economia solidária proposto pelos Bancos Comunitários, o objetivo do texto é compreender, a partir das experiências de economia popular vinculadas ao Banco Comunitário Cascata e integradas por mulheres, os modos de combinação dos traços de reciprocidade e de organização comunitária e de que forma estes se articulam com a atuação do BCD.



O artigo aborda inicialmente a discussão teórica sobre bancos comunitários, mulheres e economia popular, posteriormente descreve a experiência do Banco Comunitário Cascata e o processo de capacitação para, na continuidade, apresentar os resultados e tecer algumas considerações a partir da análise das dinâmicas das mulheres e os empreendimentos populares em que participam e sua relação com o Banco Comunitário. Nossas considerações finais apontam os principais pontos de reflexão e instigações para o debate.

Discussão teórica: economia popular, mulheres e unidades domésticas

Os Bancos Comunitários no Brasil são experiências de economia solidária que, conforme França Filho¹, nos convidam à experimentação de um outro tipo de economia, efetivamente a favor do bem-estar humano e social. Nessa concepção, a economia solidária é entendida como “um meio a serviço de outras finalidades: sociais, políticas, culturais, ambientais, etc. e não como um fim em si mesmo”². Trata-se de uma política do cotidiano nos bairros e comunidades, que incita os cidadãos a agir e que comporta uma série de características: pluralidade de princípios econômicos (mercado, redistribuição, reciprocidade, domesticidade), autonomia institucional, democratização dos processos decisórios, sociabilidade comunitária-pública, finalidade multidimensional, inserção cidadã e autogestão³.

Os Bancos comunitários, na sua busca por uma economia solidária centrada no ser humano, combinam diferentes lógicas de ação, entre as quais encontramos a lógica mercantil, mas subordinada à lógica solidária, pois é esta última a que orienta sua ação, conforme definido no seu projeto associativo. Evidencia-se, assim, a importância de compreender a diversidade de experiências econômicas do mundo popular, presentes no território em tanto que “lugar” ou “espaço vivido”. O conceito de economia popular permite uma leitura adequada dessas experiências e busca dar conta de lógicas socioeconômicas próprias dos setores populares em sociedades fundadas em modos de produção estruturalmente heterogêneos.

Conforme Frega, a economia popular é um campo em construção cuja delimitação é ainda complexa. Trata-se, diz ela, de “uma economia real e em movimento, produto de práticas específicas dos setores populares em um cenário de precariedade e informalidade manifesta em distintas dimensões”⁴. Para além dos limites e da precariedade que lhe são inerentes, o conceito

¹ FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. Considerações sobre um marco teórico-analítico para a experiência dos Bancos Comunitários. In: SILVA JUNIOR, Jeová Torres *et al* (Orgs.). *Gestão Social: práticas em debate, teorias em construção*. Juazeiro do Norte: Universidade Federal do Ceará, 2008. p. 117-128.

² FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. Teoria e prática em economia solidária: problemática, desafios e vocação. *Civitas*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 155-174, jan./jun. 2007, p. 162.

³ FRANÇA FILHO, 2007.

⁴ FREGA, Mariana. La perspectiva feminista y el trabajo en la economía popular. In: GUERRERO, Gabriela Nelba *et al* (Orgs.). *Los derroteros del cuidado*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2019. p. 128-

aponta também para uma economia que, mesmo inserida e subordinada ao mercado capitalista, transcende a lógica da ganância, inserindo-se no que Coraggio chama de “reprodução ampliada da vida”⁵, onde se incorporam, não só aspectos econômicos, mas também culturais, educativos, comunitários, afetivos.

Para Coraggio, a economia popular presta atenção às unidades domésticas e à mobilização de recursos localmente disponíveis. São as unidades domésticas, suas extensões como as iniciativas de geração de renda e as associações voluntárias, as que constituem o conteúdo material dessa parte da economia capitalista que chama de “economia popular” e cuja finalidade é a reprodução ampliada da vida de seus membros. Ainda conforme o autor, nesta economia se combinam diferentes tipos de trabalho e de organização: trabalho para o autoconsumo doméstico, trabalho por conta própria e assalariado, cooperação na produção e na comercialização, produção para o autoconsumo de bens públicos em nível local etc.⁶

Por outro lado, cabe destacar que a economia popular tem uma marca de gênero, com uma presença majoritária de mulheres, conforme é possível constatar a partir dos números da economia informal no Brasil⁷. De fato, diversos estudos mostram que as mulheres assumem atividades marcadas pela precariedade e instabilidade, estão sobrecarregadas com o trabalho produtivo e reprodutivo. As novas estratégias e modalidades de trabalho retomam e se servem dos saberes domésticos e comunitários para sustentar o que o dinheiro faltante não permite garantir nos lares. Esta realidade só se acentuou com a pandemia, quando as mulheres viram incrementadas suas tarefas vinculadas a serviços comunitários e de cuidados, aprofundando as condições predominantemente precárias e informais de reprodução dos setores populares.

Nesse sentido, entre as práticas de reprodução ampliada da vida, as estratégias coletivas para a sustentabilidade cobram um sentido específico, desde uma mirada de gênero, na qual se problematiza as condições materiais (o produtivo e econômico) e também as necessidades de cuidados – o reprodutivo e o papel das mulheres nos espaços de organização. A atuação em iniciativas de economia solidária – entre as quais os BCDs – podem ser vistas como formas de resistência e de tentativas de construir formas de produção e reprodução da vida.

138, p. 128. Livro digital, PDF. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/118603>. Acesso em: 29 dez. 2021. (Tradução nossa).

⁵ CORAGGIO, 2013 *apud* SARRIA ICAZA, Ana Mercedes. Economía popular, economía solidaria y bancos comunitarios de desarrollo. Una reflexión en el actual contexto brasileño. In: CASTILLO, Isabel yépez del et al (Orgs.). *Le développement revisité. 60 ans d'études sur le développement*. Louvain-la-Neuve: Presses Universitaires de Louvain, 2018. p. 85-96. (Tradução nossa)

⁶ CORAGGIO, 2013 *apud* SARRIA ICAZA, 2018.

⁷ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Trimestral – Microdados 2016/2017*. Disponível em: https://downloads.ibge.gov.br/downloads_estatísticas.htm. Acesso em: 29 out. 2021.



Sendo assim, embora as experiências de economia popular sejam frequentemente associadas a ações conjunturais ou transitórias, respostas concretas às condições de precariedade e desemprego que lhes dão origem, é possível pensar a economia popular como parte de um processo de organização mais amplo e permanente, inserido na construção de modelos alternativos de desenvolvimento. Neste sentido, alguns autores sugerem que sua inserção na economia solidária possibilitaria transitar um caminho na busca pela construção de novas práticas solidárias e comunitárias, de pensar modos alternativos de gestão, de produção e consumo.

Quijano⁸ faz análise crítica do pretense potencial alternativo das experiências de economia solidária e entende que um projeto alternativo a partir da economia popular passaria pela combinação de unidades econômicas fundadas exclusivamente em práticas de reciprocidade e organizadas na forma de comunidades, para organização e gestão de recursos e do trabalho. Nos parece que este se apresenta como um horizonte interessante e que ambas as dimensões por ele apontadas são também inerentes a um projeto de economia solidária. É na linha de potencializar estas experiências, e fortalecer os dois polos mencionados por Quijano (o recíprocatário e o de organização comunitária), que identificamos o desafio dos BCDs como espaços inovadores, cuja base de construção são as dinâmicas contraditórias da economia popular.

Nesse sentido, neste trabalho retomamos como um elemento de análise os modos de combinação dos traços de reciprocidade e de organização comunitária que podem ser encontrados nas experiências de economia popular desenvolvidas por mulheres e articuladas com a atuação do Banco Comunitário Cascata.

O Banco Comunitário e a capacitação para os “negócios populares”

O presente trabalho toma como base de análise um processo de capacitação e apoio a um conjunto de mulheres, integrantes de negócios populares⁹, desenvolvido entre 2019 e 2020 pelo Núcleo de Estudos em Gestão Alternativa¹⁰ da UFRGS, em parceria com o Banco Comunitário de Desenvolvimento (BCD) do bairro Cascata. Essa experiência permitiu adentrar nas dinâmicas das unidades domésticas e nas múltiplas dimensões do trabalho das mulheres e sua relação com a ação comunitária desenvolvida pelo Banco Cascata.

O Banco Comunitário Cascata foi constituído formalmente em abril de 2016, após um ano de atividades de mobilização comunitária que permitiu construir um grupo organizado e criar a

⁸ QUIJANO, Aníbal. *La economía popular y sus caminos en América Latina*. Lima: Mosca Azul editores, 1998.

⁹ Negócios populares foi o termo escolhido pelas integrantes do Banco para se referir às experiências de economia popular existentes na comunidade.

¹⁰ O NEGA é um núcleo de extensão e pesquisa localizado na Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e desde 2015 apoia o processo de organização do Banco Comunitário Cascata.



associação comunitária que confere personalidade jurídica ao Banco. O núcleo desencadeador e organizador do processo está constituído pelas integrantes de um empreendimento de economia solidária local, o Misturando Arte, que buscam se articular com outros atores da comunidade para fortalecer o desenvolvimento e a solidariedade no território.

Situado no Bairro Cascata, o Banco Comunitário concentra sua atuação na Vila Primeiro de Maio. Desde o início, com a aplicação dos mapeamentos socioeconômico e da produção e consumo, foi ficando evidente um perfil de atividade econômica popular muito pulsante, na forma de pequenas atividades de prestação de serviços e de atividades comerciais informais que compunham o que poderíamos chamar de um circuito econômico local. Diversas limitações de recursos financeiros e humanos, somados às dinâmicas próprias da comunidade fizeram com que não se realizasse o desenho de Banco com serviços financeiros solidários tradicionais, como crédito e moeda, mas a associação manteve ações econômicas e não econômicas de relação com a comunidade que deram certo grau de visibilidade e reconhecimento da iniciativa.

O BCD tem conseguido promover ações de interesse comunitário, como a realização de feiras de trocas e feiras de economia solidária em que alguns empreendimentos locais comercializam seus produtos. Além disso, o BCD também apoia e promove discussões locais ligadas à saúde e os direitos das mulheres, bem como organização de atividades para comemorar festividades locais como Natal e Dia das Crianças.

A articulação de circuitos comunitários e o apoio aos empreendedores locais é uma meta da atuação do Banco Comunitário desde sua fundação, em relação à qual vinha se obtendo um pequeno envolvimento dos produtores locais. Foi para fortalecer esse envolvimento e ativar os circuitos locais que se pensou na realização de um programa de apoio ao que se chamou de “negócios populares”, surgindo assim um projeto de extensão construído junto com o NEGA para dar o apoio necessário a esta iniciativa.

Durante os cinco anos de existência do Banco Comunitário, houve algumas mudanças nas pessoas que integram a associação, mas uma característica se destaca: praticamente todas as integrantes que realizam o trabalho voluntário que permite o funcionamento do BCD na comunidade são mulheres. Outra característica marcante entre essas mulheres é a participação ativa no circuito econômico local: todas realizam, além da atividade voluntária no BCD, algum tipo de prestação de serviço ou atividade informal para complementar a renda familiar; além disso, algumas dessas integrantes fazem parte de um empreendimento de economia solidária local, o Misturando Arte. Assim, na maioria das vezes, o processo de capacitação apoiado pelo Banco também é importante para as próprias integrantes, uma vez que elas fazem parte da comunidade e, conseqüentemente, da lógica que observamos no período de mapeamento e mobilização comunitária.



O Programa de Apoio aos Negócios Populares foi desenhado como um processo que previa a capacitação e o apoio aos empreendimentos e aos empreendedores e empreendedoras da comunidade em que o Banco Comunitário está localizado. Iniciou em 2019, com a participação de nove pessoas, todas mulheres com diversas iniciativas econômicas. Entre essas iniciativas, havia duas de produção e venda de alimentos, uma de artesanato/customização e comércio de vestuário, um brechó, uma artesã, uma pessoa que oferece seus serviços como faxineira, um minimercado e uma loja de roupas e variedades.

A metodologia propunha como diferencial a combinação de encontros de capacitação coletivos, nos quais eram abordados os conteúdos, com visitas aos locais das participantes, para realizar os exercícios junto com elas e, conhecendo melhor a realidade do negócio, apoiar cada empreendedora. Em 2019, foram desenvolvidos quatro módulos, um por mês, compreendendo os dois momentos metodológicos anteriormente mencionados.

Paralelo ao projeto de extensão, foi desenvolvido um processo de pesquisa, registrando em cadernos de campo a experiência e as impressões de cada visita, que posteriormente foram objeto de leitura e discussão coletiva por toda equipe.

Em 2020, em razão da pandemia de SARS-CoV-2, foi necessário realizar uma readequação no Programa, passando a utilizar ferramentas virtuais. Dessa forma, foi criada uma página no Facebook, nomeada “Comércio Solidário Cascata”, com a ideia de permitir a construção de um espaço virtual para divulgar as iniciativas econômicas da comunidade e para realizar as atividades de capacitação – que ocorreram na forma de *lives*. Foi também criado um grupo de WhatsApp, para propiciar um contato mais próximo e dinâmico com as(os) participantes. Ao todo, trinta e uma pessoas responderam ao questionário inicial de contato com o Programa, sendo vinte e seis mulheres (83,87% do total). Entre as participantes mulheres, houve cinco iniciativas de produção e venda de alimentos, oito de artesanato, três brechós, quatro comércios, três prestadoras de serviços, e uma revendedora de cosméticos.

Entretanto, a falta de encontros presenciais, somado às limitações de recursos tecnológicos dos e das participantes limitou a dinâmica de integração entre os e as participantes, e não permitiu aprofundar no conhecimento dos empreendedores e empreendedoras e das dinâmicas de seus negócios. Ficou clara a validade da metodologia desenvolvida em 2019 e a necessidade de sua retomada, fazendo as adequações possíveis de acordo aos cuidados exigidos pela pandemia. É nessa direção que a associação do Banco Comunitário construiu e apresentou uma proposta no Edital de pequenos projetos da FLD, para fortalecer a ação comunitária, mantendo o foco nos processos de capacitação e sempre contando com a parceria do NEGA.

Para efeitos da análise apresentada neste texto, consideramos a experiência presencial de 2019, especificamente as informações que se desprendem do acompanhamento dos oito



empreendimentos e as nove mulheres que participaram, em uma interpretação inicial das diversas dinâmicas econômicas, sociais e comunitárias envolvidas.

As múltiplas dinâmicas da economia popular e o papel das mulheres na construção comunitária.

De entrada, cabe assinalar o quanto o debate realizado com as integrantes do Banco Comunitário para definir como seriam denominadas as experiências que participariam do programa de apoio e capacitação é emblemático sobre o caráter das mesmas e a inadequação de diversos termos comumente utilizados e com os quais muitas dessas experiências não se identificam. O termo definido foi “negócios populares” porque, alegavam, a própria denominação de “empreendimento” parecia um termo estranho às características de algumas experiências individuais, da mesma forma que “empreendedor” ou “empreendedora”. Já a denominação de economia popular, se percebia muito abstrata, pois este não é um termo que no Brasil apareça associado a alguma identidade de sujeito coletivo, como acontece em outros países latino-americanos¹¹.

A diversidade dos empreendimentos participantes explicita a grande heterogeneidade de experiências que compõem a economia popular. Assim, em termos dos segmentos econômicos dos “negócios” encontramos: alimentação (2), artesanato (2), brechó (1), comércio (2) e uma de prestação de serviços (faxina). São atividades que prevalecem nos circuitos locais das periferias, majoritariamente desenvolvidas por mulheres, conforme já tinham mostrado o diagnóstico de produção e consumo realizado em 2016¹². Por outro lado, a maioria (5) são iniciativas informais de caráter individual que funcionam como renda complementar, combinada com emprego ou outra atividade econômica, sendo que somente duas conseguem ser a fonte principal de renda de quem as realiza. Há um empreendimento de caráter coletivo e familiar que, mesmo sendo sua principal fonte de renda, as integrantes precisam complementar com outras atividades pois as entradas são insuficientes.

Relacionado com o anterior, é possível diferenciar três tipos distintos de iniciativas: o primeiro, composto pelas duas pequenas lojas, que funcionam fora do espaço de moradia e necessitam de maior capacidade de investimento e um modo de trabalho mais regular e cujas condições de estruturação e funcionamento demandam ferramentas de administração mais estruturadas. O segundo tipo é composto por experiências de caráter basicamente pessoal, que

¹¹ No Rio Grande do Sul, esse termo tem sido associado à economia solidária (“economia popular solidária”), mas quando se trata de experiências que não fazem parte desse universo, a referência mais comum é a de economia ou setor informal, ficando economia popular mais restrita a alguns espaços acadêmicos ou de políticas públicas em alguns territórios.

¹² NÚCLEO DE ESTUDOS EM GESTÃO ALTERNATIVA – NEGA. *A construção dos Bancos Comunitários de Desenvolvimento em Porto Alegre: o Banco Comunitário Cascata*. Porto Alegre: Cadernos do NEGA, 2017.



dependem unicamente do seu conhecimento e força de trabalho e é desenvolvido no domicílio da pessoa ou de seus clientes; inclui-se aqui o brechó caseiro, serviços de cozinha/alimentação e limpeza, e o artesanato; o tempo de dedicação das pessoas a essas atividades é parcial e intermitente, mesclado com outras atividades remuneradas ou não, como os cuidados da casa e de filhos, atividades em igrejas e/ou comunitárias, ou outros trabalhos e fontes de renda formais ou informais. E no terceiro tipo incluímos o empreendimento coletivo, mesmo que predominantemente familiar, que participa do movimento da economia solidária e é o principal promotor das atividades comunitárias. Do ponto de vista de sua estrutura e funcionamento, fica entre os dois tipos anteriores, mas se diferencia por sua proposta de construção de outras formas de organização do trabalho.

Em todos os casos, os negócios funcionam – em diferentes graus – como extensão das unidades domésticas ou em diferentes relações e combinações com elas. A maioria funciona no mesmo local de moradia e, mesmo quando não é assim, há a ligação com as condições pessoais de reprodução do domicílio (por exemplo, ajuda do marido, venda de um carro para investir no negócio), que permitem a execução dessa atividade complementar, ou, ainda, a extensão das relações familiares como relações de trabalho, como no caso em que marido e mulher resolvem que a mulher saia do emprego para instalar um negócio próprio que funcionará no mesmo local que outro que ele já realizava e no qual precisa do apoio dela).

Fica clara a dinâmica da reprodução ampliada da vida, quando as mulheres que estão à frente das experiências integram o trabalho e a casa, visando as condições de subsistência, mas não apenas isso. A subsistência está integrada a diversas estratégias familiares, dentro das quais as mulheres têm que se desdobrar para gerar renda nos espaços e condições que lhe são possíveis desde as demandas do cuidado e reprodução familiar que lhe são colocadas. Elas mobilizam habilidades e saberes como, por exemplo, a capacidade de cozinhar, fazer artesanato ou customizar e reformar para criar iniciativas de geração de renda.

Há um diálogo permanente entre a vida pessoal e o empreendimento montado, que se dá em diferentes graus. Desse diálogo, depende o tempo que pode ser investido nessa ou em outra fonte de renda, em função de necessidades prementes ou de tarefas pessoais indelegáveis. O investimento no negócio está muitas vezes condicionado aos limites do já restrito orçamento familiar – composto por diversas fontes de renda: a mãe aposentada que ajuda a cuidar dos netos, o filho que faz estágio... A negociação é permanente e cotidiana. É uma multiplicidade de papéis e de lógicas de ação que se manifestam nos próprios corpos que se movem.

Vemos então como é possível constatar a extraordinária riqueza de lógicas socioeconômicas que se entrecruzam, que têm claramente como centro de sua atuação a reprodução ampliada da vida e não do capital. Do ponto de vista conceitual, nos parece claro que

há absoluta impossibilidade de situá-las na perspectiva do empreendedorismo concebido pela administração clássica.

Um outro elemento importante a destacar tem a ver com a inserção dessas iniciativas nas dinâmicas comunitárias. Todas funcionam dentro da comunidade e a própria participação das mulheres no curso tem como uma de suas motivações a busca de espaços de maior integração e trocas. Entre as participantes, duas tinham menos relação com o Banco Comunitário, outras duas participavam de algumas de suas atividades e quatro eram as principais lideranças e promotoras do Banco Cascata, com uma intensa atuação na organização de suas atividades. Neste último caso, percebe-se como o elemento comunitário passa a ser um componente que se integra às dinâmicas sociais, econômicas e familiares abordadas anteriormente, entendendo que o envolvimento nos circuitos locais é um diferencial a ser potencializado, integrando assim a dimensão econômica com as dimensões da vida e da comunidade.

Novamente, chama a atenção que é o envolvimento das mulheres o que sustenta o projeto do Banco Comunitário. Quando perguntadas sobre este fenômeno, elas indicam que as mulheres têm mais persistência e capacidade para aceitar os ritmos demorados dos processos associativos e de construção comunitária¹³. E destacam também o lugar que as mulheres ocupam nos cuidados e no zelo pelo bem-estar da família. Assim, como resultado dos papéis sociais de gênero, que faz com que as tarefas de cuidados recaiam fundamentalmente nas mulheres, estas desenvolvem uma especial capacidade e sensibilidade para perceber as necessidades da vida cotidiana e a urgência em responder a essas necessidades de maneira coletiva, gerando um maior envolvimento com a comunidade. Por outro lado, a presença de mulheres é majoritária entre os pequenos negócios e serviços oferecidos localmente, os quais podem combinar com as tarefas de cuidado familiar. Assim, tendem a ter um maior interesse em receber apoios dos Bancos Comunitários e a se envolver em atividades por eles organizadas¹⁴.

Considerações finais

No presente artigo é possível identificar alguns movimentos que podem ser provocados por um Banco Comunitário de Desenvolvimento, articulado às experiências de economia popular e pautando novos horizontes para essas práticas econômicas.

O Banco Comunitário de Desenvolvimento da Cascata funciona centrado na organização de feiras de troca e de ações de mobilização comunitária e para a discussão de questões locais da Vila. O programa de apoio aos negócios populares, construído em conjunto com a universidade, permitiu capacitar um grupo de mulheres para fortalecer suas experiências econômicas e avançar

¹³ NÚCLEO DE ESTUDOS EM GESTÃO ALTERNATIVA – NEGA, 2017.

¹⁴ SARRIA ICAZA, 2018.

na construção de um circuito econômico local, possibilitando também um maior conhecimento das dinâmicas das diversas iniciativas envolvidas, a partir da qual foi possível tecer as reflexões aqui apresentadas.

Os resultados apontam a presença de negócios organizados a partir das unidades domésticas e com a presença simultânea de racionalidades e práticas econômicas distintas, que mostram que aquelas não podem ser lidas unicamente como negócios, senão como estratégias alimentadas por distintas lógicas, no mesmo espaço doméstico e familiar, destacando-se o papel das mulheres que estão em ampla maioria à frente destas experiências. É claro que não é possível situar estas experiências dentro da perspectiva do empreendedorismo capitalista orientado à maximização de lucro e funcionando conforme a abordagem da administração clássica.

Nesse sentido, a análise mostrou que os negócios estão entrelaçados nas unidades domésticas, onde se integram diversas lógicas, articulando trabalho e vida pessoal. O foco na reprodução ampliada da vida se evidencia no papel das mulheres que, à frente dos negócios integram a subsistência a diversas estratégias familiares.

Se bem essa integração entre diversas lógicas tendo como centro a vida é um diferencial importante das experiências de economia popular que merece ser melhor estudado e aprofundado, fica claro também que a presença de mulheres à frente das experiências observadas reforça o que os estudos sobre a economia popular vêm apontando: que as mulheres assumem atividades marcadas pela precariedade e instabilidade, que estão sobrecarregadas com o trabalho produtivo e reprodutivo. E que as novas modalidades de trabalho se servem dos saberes domésticos e comunitários para garantir nos lares o que dinheiro faltante não permite.

Nesse sentido, a atuação do Banco Comunitário sinaliza o potencial e a importância da articulação das experiências de economia popular com uma proposta de economia solidária nos territórios e comunidades. Em um universo de produção, disputa e circulação de riquezas, as práticas da economia popular redesenham as fronteiras entre o formal, o informal e o comunitário, a subsistência e a acumulação. Reconhecendo as diversas contradições das práticas existentes, os BCDs abrem um horizonte para identificar, retomar, reconstruir e potencializar os traços de reciprocidade e organização comunitária que pulsam nas comunidades e sua diversidade de experiências econômicas.

Referências

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. Teoria e prática em economia solidária: problemática, desafios e vocação. *Civitas*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 155-174, jan./jun. 2007.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. Considerações sobre um marco teórico-analítico para a experiência dos Bancos Comunitários. In: SILVA JUNIOR, Jeová Torres *et al* (Orgs.). *Gestão*

Social: práticas em debate, teorias em construção. Juazeiro do Norte: Universidade Federal do Ceará, 2008. p. 117-128.

FREGA, Mariana. La perspectiva feminista y el trabajo en la economía popular. *In*: GUERRERO, Gabriela Nelba *et al* (Orgs.). Los derroteros del cuidado. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2019. p. 128-138. Livro digital, PDF. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/118603>. Acesso em: 29 dez. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua*: Trimestral – Microdados 2016/2017. Disponível em: https://downloads.ibge.gov.br/downloads_estatísticas.htm. Acesso em: 29 out. 2021.

NÚCLEO DE ESTUDOS EM GESTÃO ALTERNATIVA – NEGA. *A construção dos Bancos Comunitários de Desenvolvimento em Porto Alegre: o Banco Comunitário Cascata*. Porto Alegre: Cadernos do NEGA, 2017.

QUIJANO, Aníbal. *La economía popular y sus caminos en América Latina*. Lima: Mosca Azul editores, 1998.

SARRIA ICAZA, Ana Mercedes. Economía popular, economía solidaria y bancos comunitarios de desarrollo. Una reflexión en el actual contexto brasileño. *In*: CASTILLO, Isabel yépez del *et al* (Orgs.). *Le développement revisité. 60 ans d'études sur le développement*. Louvain-la-Neuve: Presses Universitaires de Louvain, 2018. p. 85-96.